



CORPO DE DELITO

Take-off and landing

As três fases de um voo são, mais ou menos, como as três fases da vida. Descolagem, voo e aterragem; juventude, maturidade e velhice



Rui Patrício

As três fases de um voo são, mais ou menos, como as três fases da vida. Descolagem, voo e aterragem; juventude, maturidade e velhice. Na descolagem e na aterragem, recolha as mesas, coloque as costas das cadeiras na vertical, desligue os aparelhos electrónicos e coloque o cinto – dizia uma voz ao microfone, em inglês, enquanto a hospedeira indicava as saídas de emergência e sorria de modo tranquilizador. Pelo meio, a voz disse – mas já sem o tom imperativo que usara sobre a descolagem e a aterragem – que durante o voo todos os passageiros deveriam ter o cinto enquanto estivessem sentados. É aconselhável, pode colocar-se, mas não é imprescindível e ninguém se assegura de que o temos. As três fases de um voo são, mais ou menos, como as três fases da vida. E, durante o voo, também podemos abrir as mesas,

reclinar a cadeira, usar aparelhos electrónicos, andar pelos corredores, e tudo o que nos aprouver – dentro, claro, do espaço e das regras do avião. E sem que ninguém nos indique as saídas de emergência ou sorria com ar tranquilizador. Quando muito, durante o voo, dar-nos-ão um sorriso agradável, mas mecânico, quando nos servirem, ou um sorriso amarelo quando nos disserem que já só há o prato de massa ou que acabou o vinho. Mas sem que nos importemos muito, porque vamos no ar, a caminho de algum lado, que sabemos qual é, mas que não vemos, e que apenas representa um ponto no mapa que, no visor nas costas da cadeira da frente, nos vai prometendo geografias. Por agora, apenas há céu e nuvens, azul e branco. Aqui e ali alguma turbulência, um poço de ar, raramente um acidente, às vezes até nos esquecemos de que estamos a voar de um sítio para outro. As três fases de um voo são, mais ou menos, como as três fases da vida. Descolar e aterrar é que é mais agitado, mais difícil, mais marcante. Ai é que precisamos de cinto, de atenção e de alguém que vigie se tudo está a postos. A descolar há um misto de entusiasmo e nervoso miudinho, as costas bem encos-

tadas à cadeira, um cerrar de dentes para que cheguemos depressa lá acima, embalados pelo sorriso e presos pelo cinto. Quando atingimos a altitude de cruzeiro, alívio e serenidade; e depois voamos; até que começamos a sentir o início da descida, primeiro muito suavemente, depois de um modo mais acentuado, começam a doer os ouvidos, acende-se a luz dos cintos e regressa a voz imperativa que nos manda colar ao assento, em posição vertical, colocar o cinto e desligar os aparelhos electrónicos. As hospedeiras fazem um meio sorriso, estão cansadas, se calhar também lhes doem os ouvidos ou talvez se condoam de nós por estar a terminar a nossa viagem. Primeiro, vê-se terra ao longe, ainda muito distante, ainda há uns restos de céu e nuvens por perto, depois a terra aproxima-se rapidamente, o avião baixa cada vez mais, doem mais os ouvidos, subitamente o solo toca as rodas e o avião trava ferozmente, quase como se resistisse ao fim do voo. E nós com o cinto, mas aterrámos, acabou. Só os que não gostam de voar é que não sentem o vazio do fim do voo. As três fases de um voo são, mais ou menos, como as três fases da vida.

Advogado. Escreve ao sábado



A vida e as suas semelhanças com um voo